



MONITORAMENTOS DE CORPOS: ENTRE VIDEOSCOPIAS E CÂMERAS DE VIGILÂNCIA

Aglair Bernardo ¹

É de um olhar mudo e sem gesto, puro e sem lugar para a imaginação, onde a verdade se enuncia pelo visível da experiência, a que Michel Foucault se refere quando aborda em *O nascimento da clínica*, o papel desempenhado pelo sentido da visão para a construção dos métodos desenvolvidos pela medicina ocidental do final do século XVIII - quando a experiência clínica se transforma em olhar anátomo-clínico -, onde a conjugação entre olhar e linguagem conduziu à articulação entre ver e saber. Fundado na idéia de “interrogar o corpo em sua espessura orgânica”, Foucault afirma que: “O olhar anátomo-clínico deverá demarcar um volume, dirá respeito à complexidade de dados espaciais que pela primeira vez em medicina são tridimensionais².”

Quando Foucault fala desse olhar, é de um olhar que toca, que ouve. Mas, ainda assim, é o sentido da visão que é soberano e triunfa. Os demais sentidos apenas antecipam e demarcam o visível e se integram a um “olhar absoluto, absolutamente integrador, que domina e funda todas as experiências perceptivas³”. Suas reflexões sugerem um ambiente teoricamente promissor para o entendimento da produção de um determinado regime de olhar que se inaugura historicamente. Dada a importância que a visão adquire como sentido privilegiado para a configuração de um determinado regime de olhar na medicina, Foucault aponta para mudanças importantes que se dão nas relações entre o visível e o invisível, entre o ver e o dizer o que se vê, entre ver e saber. É possível identificar nesse regime de olhar a matriz paradigmática que orienta o olhar produzido pelas câmeras de vigilância que monitoram a circulação de corpos na cidade e pelas tecnologias de produção de imagens que mapeiam e monitoram os corpos no âmbito da medicina, bem como identificar o diálogo promovido entre esses campos.

Conforme destaca Lílian K. Chazan⁴, em seu estudo sobre o uso das tecnologias visuais na medicina e a construção da noção de pessoa, esse caminho vertical que o olhar médico anátomo-clínico constrói, criou um campo de possibilidades favorável ao desenvolvimento de tecnologias que permitiram a observação do corpo de modo mais acurado e penetrante. Segundo Lilian, é a partir de meados do século XIX que se observa, inicialmente com o emprego do raio-X, um

1 AGLAIR BERNARDO, Doutora, UFSC, aglair@ig.com.br.

2 MICHEL FOUCAULT. *O nascimento da clínica*. 5ª edição, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 186.

3 *Ibid.*, p. 189.

4 LÍLIAN. K. CHAZAN. “Câmera obscura, estereoscópio, raios-x e outras máquinas: um estudo sobre as tecnologias visuais na medicina e a construção da Pessoa”. Comunicação apresentada no Fórum de Pesquisa: Antropologia da Pessoa: os processos de individualização na cultura contemporânea. IV RAM – 11 a 14 de novembro de 2001, Curitiba.



interesse cada vez mais crescente no uso de tecnologias da imagem que capturem o interior do corpo sem que para isso seja necessário cortá-lo ou usar tecnologias mais invasivas, tornando-o acessível ao olhar e por onde emerge uma instrumentalização tecnológica de representações do corpo através das imagens, criando uma nova transparência, ao mesmo tempo em que passam a ocupar o lugar de produtores de novos saberes.

Para a autora: “Na medida em que a percepção do corpo, passa a englobar as tecnologias da imagem, há um certo grau de fusão entre o biológico e o tecnológico na representação do corpo e um relativo apagamento das fronteiras entre o ‘natural’ e o ‘artificial’”. Nesse ponto, destaca as relações existentes entre a compreensão e a construção do corpo pelas tecnologias de imagens empregadas no campo médico e a cultura visual, onde a visualidade assumiu um peso considerável no processo de construção de verdade. É possível observar que o emprego de tecnologias visuais pela medicina integra um contexto maior de produções imagéticas inauguradas no âmbito da paisagem midiática, onde a imagem desempenha um papel crucial nos modos de codificação e decodificação da realidade, bem como no processo de construção das subjetividades contemporâneas.

Parto da perspectiva de que os paralelos entre os modos de olhar o corpo e os modos de olhar a cidade são inevitáveis, especialmente quando se considera que o regime de olhar produzido pela medicina moderna migrou e deslizou para distintos campos de conhecimento e da vida social em função de sua magnitude paradigmática e do papel significativo que o campo médico desempenhou historicamente na construção de imagens da cidade. Não é por acaso que a concepção médica moderna de corpo foi estendida para a análise da cidade, percebendo-a como um sistema orgânico sujeito a ameaças diversas que pudessem pôr em risco o seu funcionamento e sua saúde.

O que se verá historicamente é que o olhar que observa e intervém no corpo humano é o mesmo olhar que busca nas múltiplas camadas e dobras da vida cidadina possibilidades de intervenção que remetam à cura do corpo urbano, sua ordenação e controle. Convém destacar a contribuição das teorias médico-higienistas que, ao colocarem em evidência as conseqüências danosas geradas pela intensa aglomeração urbana, constróem verdadeiras cartografias que resultam em diagnósticos sobre o urbano, tendo como base o paradigma da ordem e da desordem urbana como modelo para a construção de ideários em torno das noções de saúde e de doença.

Richard Sennet, procurando compreender como determinadas concepções de corpos estão representadas e se expressam na arquitetura, no urbanismo e na vida cotidiana, observa que as concepções em torno de “um corpo saudável, limpo e deslocando-se com total liberdade” conferiu



as bases para o desenho urbano moderno. Esperava-se que a cidade funcionasse do mesmo modo que o corpo:

Palavras como “artéria” e “veia” entraram para o vocabulário urbano no século XVIII, aplicadas por projetistas que tomavam o sistema sanguíneo como modelo para o tráfego. Christian Patte valeu-se dessas imagens para justificar o princípio de ruas de mão única. (...) Maus anatomistas, os planejadores não punham de lado, inteiramente, as referências que os orientavam, antes imaginavam que a locomoção pode vir a ser bloqueada em um ponto qualquer, ocasionando no corpo coletivo uma crise semelhante ao derrame que resulta de um entupimento arterial⁵.

Pechman, ao abordar as metáforas representativas da cidade e os modos como elas vinham sendo experimentadas nas narrativas construídas pelos viajantes e nos debates políticos com respeito às melhorias urbanas, em seu estudo sobre as imagens de cidade produzidas nas primeiras décadas do século XIX, fazendo referência às respostas dadas pela medicina em sua articulação com o olhar policial, assinalando o surgimento da medicina social, observa que:

É no campo da medicina, portanto, que a corporeidade da cidade começa a se manifestar. O corpo como metáfora da cidade, revela-se diante da ameaça das epidemias que periodicamente a assolam. O perigo de as epidemias se tornarem, pela desordem social que provocam, um elemento desestabilizador da sociedade, invoca a intervenção da medicina no sentido de devolver a saúde e logo a ordem à vida urbana⁶.

Para o autor, a visão que a medicina vai promover sobre a cidade “é crucial na elaboração das imagens do corpo urbano”, “é o primeiro passo na constituição do corpo da cidade”, tendo em vista que “a cidade é o lugar onde a doença encontra abrigo e condições para se desenvolver”. Nesse sentido, é possível observar que o mesmo olhar que inaugurou o corpo humano como objeto de conhecimento e criou condições paradigmáticas como aquelas assinaladas por Foucault, é o mesmo olhar que transforma a cidade em objeto de controle e intervenção e o mapeia. Convém lembrar a esse respeito, as leituras promovidas sobre o fenômeno urbano pelos teóricos da chamada Escola de Chicago, principalmente a partir da década de vinte, e que tiveram forte influência nos estudos posteriores sobre a cidade, identificando-a como fonte para o desenvolvimento de patologias sociais⁷.

A cidade submetida e enquadrada pelo olhar médico torna-se, assim, um grande e espesso corpo a ser mapeado, auscultado, desvendado, sendo possível, aqui, estabelecermos semelhanças importantes entre o olhar médico e o olhar polialesco que busca na movimentação cidadina

5 RICHARD SENNET. Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 1977. p. 220-221.

6 ROBERT M. PECHMAN. Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.p. 176.

7 Ver: ROBERT E. PARK. “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”. In: VELHO, O. G. O fenômeno urbano . 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p.26- 67. e WIRTH, L. “O urbanismo como modo de vida”. In: O fenômeno urbano. Op. cit. p. 90-113.



identificar o movimento suspeito, a desordem social e identificar no cenário de um crime os sinais que possam conduzir a sua elucidação.

A potência do olhar

Não há como problematizar as novas tecnologias de produção de imagens e o seu emprego na paisagem urbana para fins de monitoração dos indivíduos sem fazer referência ao “princípio da inspeção”, tal como formulado por Jeremy Bentham em seu projeto arquitetônico do Panóptico, e o regime do olhar em que ele se inscreve, sobretudo, a partir das reflexões realizadas por Michel Foucault em *Vigiar e Punir*. Não foi sem surpresa quando Foucault, ao realizar um estudo sobre a arquitetura hospitalar na segunda metade do século XVIII e procurar entender o processo de construção de um olhar médico, sua institucionalização e inscrição no espaço social, deparou-se com os escritos de Bentham. Segundo ele, no Panóptico o princípio da masmorra é invertido, “ou antes, de suas três funções – trancar, privar de luz e esconder – só se conserva a primeira e suprimem-se as outras duas. A plena luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia. A visibilidade é uma armadilha”⁸. Do mesmo modo que Bentham, Foucault considera que o efeito mais importante do dispositivo é gerar no recluso um sentimento consciente e permanente de visibilidade.

Boa parte da força e da eficácia atribuída ao princípio baseia-se no sentimento gerado nos indivíduos reclusos de que estariam sendo permanentemente observados, o que acarretaria no seu sucesso tanto como meio persuasivo como disciplinador, mesmo sentimento produzido com a instalação cada vez mais intensa e extensa das câmeras de vigilância que se dispersam na paisagem citadina.

Segundo Miller⁹, em sua análise do projeto de Bentham, “o panóptico não é uma prisão”, é antes “um princípio geral de construção”, “um dispositivo polivalente da vigilância” e uma potente “máquina óptica universal das concentrações humanas” e que tem por função “repartir o visível e o invisível”. Segundo ele, é “a luz que aprisiona”, “a vigilância confisca o olhar à sua fruição, apropria-se do poder de ver e a ele submete o recluso”. Não há como se esconder nas sombras. Comparado a um Deus artificial, nada lhe escapa, nem os pequenos deslizes, caracterizando-se como um espaço de controle totalitário. Para ele, o maior ardil do Panóptico dá-se justamente na produção de um olhar que sequer é visto, mas que é interiorizado pelo recluso. Trata-se, desse

8 MICHEL FOUCAULT. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 177.

9 JACQUES-ALAIN MILLER. “A máquina panóptica de Jeremy Bentham”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da.(Org.). *O panóptico*. Belo Horizonte, Autêntica, 2000. p.75-107.



modo, de um dispositivo que tem a visão como o sentido privilegiado e determinante em todo o processo, e através do qual exerce-se a função de vigilância e controle. Também, nesse ponto, as relações entre o panóptico e as câmeras de vigilância são claras quando, à distância, sem ser visto, o olhar vigilante observa atentamente as telas dos monitores de televisão, monitorando a circulação de corpos nas ruas da cidade, nos aeroportos, centros comerciais entre outros lugares considerados estratégicos da movimentação cidadina.

É também fundada na soberania do olhar, na possibilidade de uma leitura imediata da circulação de corpos na cidade, permitindo que a vigilância policial se desse de forma máxima sobre a multidão, que mudanças importantes na paisagística urbana foram realizadas na Paris do final do século XVIII. “A revolução”, segundo Sennet, “mostrou como as multidões se acalmam nos grandes locais abertos para a encenação de seus eventos públicos mais importantes. O espaço da liberdade pacificou o corpo revolucionário¹⁰”.

O espaço total, sem obstrução nem limites, onde tudo fosse “transparente” e nada escondido, definia a imaginação revolucionária da mais ampla liberdade, segundo o crítico Jean Starobinski. Assim, em 1791, o conselho da cidade de Paris começou a derrubar as árvores e pavimentar os jardins da velha praça Luís XV, rebatizada de praça da Revolução (atual place de la Concorde). Todas as plantas desenhadas para o centro da cidade propunham um lugar sem vegetação ou quaisquer outros obstáculos, uma vasta plaza de superfície dura. (...) Também em outros lugares da cidade, como Champ de Mars, os urbanistas revolucionários procuraram criar extensões livres de tudo o que prejudicasse o movimento e a visão¹¹.

O espaço público transformou-se, assim em um imenso campo panóptico, submetido a modos de ver submetidos a regimes de olhar fundados na idéia de transparência, na leitura imediata, na ausência de sombras e na claridade luminosa.

Máquinas de ver e saber

Mas, se o panóptico de Bentham e o desenho da cidade moderna podem ser entendidos como potentes máquinas de ver e saber, não há, também, como desconhecer que o emprego de tecnologias da imagem utilizadas atualmente para fins de vigilância segue por trajetórias já realizadas e desbravadas pela fotografia, tendo em vista o contexto histórico em que ela surgiu e ao fato de que sua trajetória coincide aproximadamente com o período de introdução do serviço policial na cidade, sendo utilizada, logo em seus primeiros tempos, como um importante dispositivo de identificação e de registro pelas instituições policiais.

10 Ibid., p. 244.

11 RICHARD SENNET, op. cit., p. 241.



Tagg¹² observa que não foram apenas as instituições prisionais e policiais que se valeram da fotografia como uma ferramenta conveniente para suas novas estratégias de poder. A partir da metade do século XIX, os hospitais, assim como os asilos, os reformatórios e as escolas, o exército, a família e a imprensa, valeram-se dos valores de produção de verdade, conhecimento, descrição, observação e registro atribuídos à imagem fotográfica. O autor destaca, nesse caso, o emprego da fotografia pelo fundador da Royal Photographic Society e superintendente do Female Department of the Surrey County Lunatic Asylum, Dr. Hugh Welch Diamond, que, em 1856, expôs sua teoria sobre a aplicação da fotografia na prática psiquiátrica. Teria ela três funções: auxiliar no tratamento, considerando o efeito que ela gera no paciente; atuar como registro permanente, visando orientar o médico em suas análises fisionômicas e contribuir para identificação da insanidade. Semelhante ao uso da fotografia em outros universos, partia-se da perspectiva de que a condição mecânica, os processos químicos e óticos da tecnologia garantiam imagens de verdade em seu uso científico, ou seja, a produção de mecanismos “naturais” produz imagens “naturais”.

É importante observar que os diálogos entre os saberes produzidos entre o emprego de tecnologias da imagem no universo médico e o policial não cessaram, ao contrário. Se o raio-x inaugurou uma novo ciclo na produção de narrativas médicas, valendo-se da imagem como meio para acessar a espessura orgânica do corpo, conferindo visibilidade às suas regiões de sombra, atualmente esse mesmo conceito de tecnologia rastreia bagagens e corpos nos aeroportos. O mesmo corpo que pode abrigar uma doença, pode esconder objetos considerados criminosos. Não há mais necessidade das revistas e toques invasivos no corpo. Em tempos de gripe suína, também nos grandes aeroportos foram instaladas tecnologias de imagem que mensuram a temperatura do corpo para a identificação de sujeitos potencialmente doentes e, assim, evitar que a doença se alastre. Nesses exemplos identifica-se uma confusão e sobreposição do olhar médico e policial, visando o controle e a saúde do social, o que significa que ambos os olhares participam de um mesmo universo em termos de regimes de olhar, com a imagem sendo portadora dos mesmos sentidos de verdade.

Visando produzir documentos e provas, o universo médico tem empregado tecnologias de imagem para gravar as cirurgias. Tais imagens podem ser utilizadas para diversos fins como, por exemplo: para o paciente tomar conhecimento sobre os procedimentos médicos utilizados; utilizá-las como documento, caso ocorra algum problema em sua recuperação; para fins de divulgação na mídia sobre conhecimentos produzidos na área, bem como podem ser utilizadas para fins

12 JOHN TAGG. “Evidence, truth and order: a means of surveillance”. In: EVANS, J. & HALL, S. Visual Culture: the reader London: Thousand Oaks; New Delhi: Sage Publications, 1999.. p. 355.



acadêmicos. Nesses casos, novamente ficam claras algumas superposições entre as tecnologias visuais empregadas no universo médico e policial e suas conexões com o universo midiático, onde procedimentos médicos têm sido cada vez mais noticiados, tendo sido bem sucedidos na mídia programas especializados distribuídos nos fluxos televisuais, assim como tem sido utilizadas com cada vez mais frequência na mídia imagens oriundas das câmeras de vigilância.

Finalmente, convém observar que não estamos diante de instituições quaisquer na sociedade ao se considerar o papel crucial que tanto a medicina quanto a polícia desempenham na configuração de determinados regimes estáveis de poder ao longo da história recente no ocidente. Do mesmo modo que historicamente estamos diante de uma multiplicação e diversificação de tecnologias de imagem que monitoram a vida social nunca antes identificada, também estamos diante de seu efeito diversificador e multiplicador no âmbito da medicina contemporânea.

Assim como o olhar vigilante que observa na tela as imagens produzidas pelas câmeras de vigilância procura identificar os sinais que possam remeter a uma situação suspeita, à distância e sem ser visto com potentes lentes que podem capturar a circulação cidadina à noite, iluminando as regiões sombrias, atravessando e percrustando o corpo suspeito em suas variadas camadas: de gênero, étnicas, raciais, geracionais, de classes etc., produzindo relações e classificações, o olhar escópico na medicina, munido de câmeras de vídeo penetra o corpo, explorando o corpo em sua espessura orgânica. Em ambos os universos o corpo adquire uma nova fisicidade, confundindo o corpo com a imagem que o representa, produzindo-se outros modos de narrá-lo e de saberes.

Bibliografia

JACQUES-ALAIN MILLER. “A máquina panóptica de Jeremy Bentham”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da.(Org.). *O panóptico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

JOHN TAGG. Evidence, truth and order: a means of surveillance. In: Evans, J. & HALL, S. *Visual Culture: the reader*. London: Thousand Oaks; New Delhi: Sage Publications, 1999.

LÍLIAN K. CHAZAN. *Câmera obscura, estereoscópio, raios-x e outras máquinas: um estudo sobre as tecnologias visuais na medicina e a construção da Pessoa*. 2001. Fórum de Pesquisa: Antropologia da Pessoa: os processos de individualização na cultura contemporânea. IV RAM, Curitiba.

MICHEL FOUCAULT. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. *O nascimento da clínica*. 5ª. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

OTÁVIO G. VELHO (Org.). *O fenômeno urbano*. 4ª. Ed., Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.



RICHARD SENNET. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro:Record,1977.

ROBERT M. PECHMAN. *Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista*. Rio de janeiro: Casa da Palavra, 2002.